

## Apresentação: dossiê “Sociologia pragmática e pragmatismo”

Diogo Silva Corrêa (<https://orcid.org/0000-0001-5519-6985>),  
Universidade Vila Velha (UVV), Vila Velha, ES, Brasil<sup>I</sup>.

Rodrigo Cantu (<https://orcid.org/0000-0002-6099-1200>),  
Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas, RS, Brasil<sup>II</sup>.

I. Diogo Silva Corrêa é professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UVV; coordenador do Laboratório de Estudos de Teoria Social e Mudança (Labemus / UFPE-UVV). <dioscorrea@gmail.com>.

II. Rodrigo Cantu é professor adjunto do Departamento de Sociologia e Política da UFPE. <rodrigo.cantu@ufpel.edu.br>.

Este dossiê traz um conjunto de artigos que dialoga com diferentes dimensões do pragmatismo e da sociologia pragmática. Este último movimento teórico, mais recente, constituiu-se no campo sociológico francês, a partir de década de 1980, com importantes repercussões no Brasil desde, ao menos, a primeira década dos anos 2000. Primeiro com a publicação, em 1987, de *Économies de la grandeur*, livro cuja versão ampliada saiu em 1991, sob o título de *De la justification*, a abordagem proposta por Luc Boltanski e Laurent Thévenot difundiu-se gradualmente em diferentes contextos nacionais e estimulou numerosos debates e orientações de pesquisa. Atendo-nos às discussões que foram além da fronteira da sociologia francesa, cabe mencionar, na Alemanha, o diálogo com Axel Honneth que resultou em um número da revista *West End* – do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt – em 2008, além de outras publicações (Boltanski, 2008; Boltanski & Honneth, 2009; Honneth, 2010); nos Estados Unidos, os trabalhos de David Stark (2011) e Michele Lamont (Lamont & Thévenot, 2000) foram decisivamente influenciados pela perspectiva dos autores franceses. No Reino Unido, por sua vez, o seu impacto pode ser medido pela publicação do livro organizado por Simon Susen e Bryan Turner (2014), um genuíno tributo britânico à carreira de pesquisa de Luc Boltanski. Os países hispano-falantes da América Latina também se engajaram na discussão com esse “estilo sociológico” (ver Nachi, 2006; Benatouil, 1999), favorecidos pelo fato de que talvez o espanhol seja o idioma que conta com o maior número de traduções dos trabalhos de Boltanski e Thévenot (Bernal & Arcos, 2011; Guerrero, 2011; Nardicchionni, 2011; 2021; Nardicchionni & Acevedo, 2013).

Como marcos desse diálogo transnacional, pode-se destacar, aqui no Brasil, os dois colóquios “Crítica e pragmatismo nas ciências sociais: diálogos entre Brasil e França”, ocorridos em 2016 e 2018 na Universidade de Brasília<sup>1</sup>, que deram origem a duas publicações que atestam a inserção dessa abordagem no debate nacional (Corrêa et al., 2018; Cantu et al., 2019), juntando-se ao que, até então, já era um

1. Disponível em: <<https://criticaepragmatismo.weebly.com>>.

número consistente de artigos em periódicos (ver, por exemplo, Corrêa & Dias, 2016). Na introdução do primeiro destes livros, apresentamos, com Sayonara Leal e Laura Chartain, um breve panorama dos usos e apropriações da sociologia pragmática francesa em pesquisas brasileiras (Corrêa et al., 2018, p. 12-14). Ao identificarmos alguns trabalhos pioneiros (ver Freire, 2016 [2005]; Corrêa, 2009; 2011; 2014; 2015; Dias, 2010; Mota, 2009; Werneck, 2012) e alguns núcleos de pesquisa influenciados por tal abordagem – principalmente aquelas produzidas no Rio de Janeiro –, o próprio texto já nos parece hoje um tanto quanto datado: sem se concentrar em instituições, regiões ou disciplinas específicas, o diálogo com Boltanski, Thévenot e autores associados à referida constelação já permeia no país uma quantidade de trabalhos difícil de acompanhar, notadamente na sequência da popularidade da tradução de *O novo espírito do capitalismo* (Boltanski & Chiapello, 2009). Na época, escrevemos que a “sociologia pragmática ainda não está próxima do cotidiano dos cursos de graduação em ciências sociais no Brasil, já que as traduções e a divulgação ainda são bem restritas” (Corrêa et al., 2018: 12).

Esse diagnóstico também já nos parece ultrapassado, uma vez que os textos da sociologia pragmática aparecem com cada vez mais frequência não somente nos cursos de pós-graduação, como atestávamos já em 2018, mas também no ensino de graduação, fato esse viabilizado em função de traduções recentes, como Barthe et al. (2016), Chateaufreud (2017; 2018), Lemieux (2017) e *A justificação* (Boltanski & Thévenot, 2020), que finalmente está disponível aos leitores em português. Em uma breve lista que está longe de fazer justiça a todas e todos pesquisadores brasileiras que dialogam com essa corrente ou “constelação” (ver Dosse, 2003), cabe mencionar os esforços de Machado da Silva, Sayonara Leal, Fabio Reis Mota, Waldir Lisboa Rocha, Jussara Freire, Fabrício Mello, Palloma Menezes, Neiva da Cunha, Marília Márcia da Silva, Maurício Serva, Gustavo Matarazzo, Yolanda Ribeiro, Manuela Blanc, Tacyana Arce, Flavia Gouvea, Vinicio Macedo, Carla Pompeu, além, é claro, dos autores dos artigos deste dossiê.

Outro fator digno de atenção é também, via influência da sociologia pragmática, a recuperação de trabalhos e autores do pragmatismo filosófico estadunidense. Charles Sanders Peirce, William James, John Dewey e George Herbert Mead também tem encontrado inserção, no Brasil, além dos campos em que eles foram incorporados e debatidos inicialmente (James na filosofia, Mead na psicologia social, Dewey na pedagogia e Peirce na comunicação e na linguística). No presente dossiê, como se verá adiante, a presença de tais autores pode ser atestada: Dewey é uma influência decisiva nos artigos de Corrêa e Talone (“O esboço de uma teoria pragmatista da reflexividade”), de Sales e Cantu (“Capitalismo comprometido”), de Cefai (“Ecologias das instituições”), de Resende e Carvalho (“Transitar no habitar e

habitar transitando”), de Andion e Magalhães (“Re-aproximando os pragmatismos da análise das políticas públicas”), de Bidet e Sarnowski (“Há sempre algo para se pensar ou fazer de melhor”) e de Werneck e Porto (“O valor de uma existência”). Mead é uma presença reiterada e fulcral nos artigos de Cefaï e de Resende e Carvalho, enquanto James e Peirce são trazidos à baila nos artigos de Corrêa e Talone, Sales e Cantu e Werneck e Porto.

Inserido nesse conjunto de esforços e marcando o amadurecimento do debate em torno do pragmatismo filosófico e da sociologia pragmática no país, o presente dossiê avança e dá continuidade à discussão transnacional entre Brasil e Portugal, França e Estados Unidos – com o Brasil como um ponto focal – em diferentes direções. Pelo menos duas cabe evidenciar, uma vez que frequentemente entrecruzam-se neste dossiê: de um lado, todos os artigos convergem para uma apreciação e um aprofundamento do modelo *das economias da grandeza* de Boltanski e Thévenot (1991), além estabelecerem uma interlocução triangular entre as contribuições da sociologia pragmática francesa, da filosofia pragmatista estadunidense e, em alguns casos, de abordagens interacionistas e fenomenológicas. Tal é o pano de fundo a partir do qual se fundamentam exames de diferentes temáticas que vão da gestão pública à economia, da arte ao meio ambiente. De outro, há uma sensibilidade metafísica comum, próxima ao pragmatismo e à sociologia pragmática, que pode ser definida pelo trato do “social como problema” (Corrêa, 2014) e pela adesão a uma praxiologia da indeterminação, na qual a dualidade entre níveis micro e macro é colocada em um horizonte temporal, enfatizando-se a incerteza envolvida no transcorrer situacional da vida social. Com isso, todas as abordagens envolvem o que foi definido alhures (ver Corrêa, 2021) por um dos autores da presente introdução como os três gestos basilares da sociologia pragmática, a saber:

*i.* Um pluralismo ontológico que procura levar maximamente à sério (e não desconstruir) as entidades pertinentes para o campo de experiência dos atores pesquisados. Ou seja: não importa o quão estranhas a princípio possam ser as entidades, os seres que habitam o campo de experiência dos atores – para lembrar o famoso teorema de Thomas, se eles definem certas situações (e aqui poderíamos acrescentar, entidades, princípios de justiça ou de realidade, como reais) tudo isso é real em suas consequências.

*ii.* O segundo gesto refere-se à atividade de delegação epistemológica que, em oposição à posição da ruptura epistemológica com o senso comum propalada por abordagens críticas como aquelas influenciadas por Pierre Bourdieu, obriga o pesquisador a colocar os seus próprios critérios de definição do que quer que seja entre parênteses, voltan-

do-se então para a defesa de que são os próprios atores analisados aqueles que definem o que é real, justo, pertinente etc.

*iii.* por fim, os artigos deste dossiê conferem atenção particular, do ponto de vista metodológico, ao que se pode chamar de heurística dos momentos críticos, isto é, à ideia segundo a qual os momentos críticos, de indeterminação, de indefinição ou de “prova” (ver Corrêa & Dias, 2016: 78-83), não para o pesquisador, mas para os pesquisados, são notadamente momentos em que é o que é fundamental para a experiência dos últimos se revela. Com isso, a observação de tais momentos funciona como estratégica metodológica propícia para acessar e mesmo fazer aparecer o que é basilar para o campo de experiência daqueles a quem se procura investigar.

Ademais, embora as abordagens presentes nos artigos deste dossiê não neguem a dimensão estrutural do mundo social, que sempre em alguma medida habilita e baliza as interações do mundo vivido, elas jamais deixam de reconhecer que o poder potencialmente causal das estruturas jamais exaure as possibilidades da ação *in actu e in loco*. É um *leitmotiv* dos artigos adiante expostos o fato de a dimensão estrutural existir, mas sempre como resultado da ação em situação, sendo reiteradamente atualizada ou transformada por meio das soluções criativas que os atores desenvolvem a fim de lidar com a incompletude das ferramentas culturais e sociais para definir a situação. Tal incompletude, diga-se de passagem, não é vista como um déficit, uma falta, uma falha, como uma espécie de força avessa à relação social, mas sim como o elemento positivo, propulsor, frictivo (ver Stark, 2011), impulsor – uma “coceira”, como diria Peirce – a partir do qual os atores empreendem operações e ações de estabilização, coordenação, ordenação, as quais podem ser tanto de ordem ontológica, isto é, sobre a realidade das coisas em questão (ver Bessy & Chateauraynaud, 1995), quanto axiológicas, ou seja, concernentes aos princípios e ordenamentos aplicáveis e tidos como justos e legítimos (ver Boltanski & Thévenot, 1991).

Essa intuição a respeito dos três gestos e que concebe o social como problema é então carregada para distintas questões referenciais do pragmatismo. A experiência, o experimentalismo e a reflexividade – na ação e nas instituições – fundamentam as contribuições dos trabalhos de Cefaï, de Corrêa e Talone e de Andion e Magalhães. Os textos de Sales e Cantu e Werneck e Porto elaboram seus aportes remetendo à questão axiológica dos valores e da crítica. A sensibilidade situada, artística e política, aparece na fenomenologia da arte como terapia e do ativismo cotidiano nos trabalhos de Resende e Carvalho e de Bidet e Sarnowski. Com essas contribuições

aqui arroladas, este dossiê visa dar continuidade a um debate extensivo e criativo, mas também articulado e dialógico, capaz de interpelar a sociologia pragmática e o pragmatismo – literalmente, colocá-los à prova – em diferentes dimensões analíticas, com referência a temáticas e contextos empíricos diversos.

Para encerrar, gostaríamos de aproveitar este espaço introdutório para agradecer, em especial, aos editores e à equipe editorial da *Sociedade e Estado* pelo trabalho sério, consistente e célere, dedicado aos textos deste dossiê, mesmo em um cenário pandêmico tão adverso para a comunidade de ciência e tecnologia no Brasil. Estendemos nossos agradecimentos igualmente às autoras e aos autores, cujo esforço de pesquisa e de escrita viabilizou este volume. Deixamos a todos por fim nossos votos de uma leitura estimulante: que os artigos e a publicação do dossiê não sejam um fim, mas um meio capaz de despertar novas e fecundas questões e inquietações.

## Referências

BARTHE, Yannick et al. Sociologia pragmática: guia do usuário. *Sociologias*, v. 18, p. 84-129, 2016.

BÉNATOUÏL, Thomas. Critique et pragmatique en sociologie. Quelques principes de lecture. *Annales HSS*, v. 2, p. 281-317, 1999.

BERNAL, Juan Carlos Guerrero; ARCOS, Hugo Eduardo Ramírez. La justicia, la crítica y la justificación. Un análisis desde la perspectiva de la sociología pragmática. *Revista Colombiana de Sociología*, v. 34, n. 1, p. 47-73, 2011.

BESSY, Christian; CHATEURAYNAUD, Francis. *Experts et faussaires: pour une sociologie de la perception*. Paris: Métailié, 1995.

BOLTANSKI, Luc. *Rendre la réalité inacceptable*. Paris: Demopolis, 2008.

BOLTANSKI, Luc; HONNETH, Axel. Soziologie der Kritik oder kritische Theorie? Ein Gespräch mit Robin Celikates. In: JAEGGI, Rahel; WESCHE, Tilo (Eds.). *Was ist Kritik?* Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2009.

BOLTANSKI, Luc; THÉVENOT, Laurent. *De la justification: des économies de la grandeur*. Paris, Gallimard, 1991.

BOLTANSKI, Luc; THÉVENOT, Laurent. *A justificação: sobre as economias da grandeza*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2020.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CANTU, Rodrigo; LEAL, Sayonara; CORRÊA, Diogo S.; CHARTAIN, Laura (Orgs.). *Sociologia, crítica e pragmatismo: diálogos entre França e Brasil*. Campinas: Pontes, 2019.

CHATEAURAYNAUD, Francis. A prova do tangível: experiências de investigação e o surgimento da prova. *Blog do Sociófilo*, Jul. 2018. Disponível em: <<https://blogdolabemus.com/2018/07/12/a-prova-do-tangivel-experiencias-de-investigacao-e-o-surgimento-da-prova-parte-1-por-francis-chateauraynaud/>>.

\_\_\_\_\_. A captura como experiência: investigações pragmáticas e teorias do poder. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 95, 2017.

CORRÊA, Diogo. Novos rumos da teoria social a partir de três gestos da sociologia pragmática. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 36, p. 1-19, 2021.

\_\_\_\_\_. *Anjos de fuzil: uma etnografia das relações entre tráfico de drogas e igreja evangélica*. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, 2015.

\_\_\_\_\_. Do problema do social ao social como problema: elementos para uma leitura da sociologia pragmática francesa. *Revista de Ciências Sociais – Política & Trabalho*, v. 1, n. 40, 2014.

\_\_\_\_\_. De la critique: précis de sociologie de l'émancipation. *Sociedade e Estado*, v. 25, n. 3, 2011.

\_\_\_\_\_. *Teoria sociológica francesa: elementos para a análise de um grupo circunstancial*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009.

CORRÊA, Diogo S.; CHARTAIN, Laura; CANTU, Rodrigo; LEAL, Sayonara *Crítica e pragmatismo na sociologia: diálogos entre Brasil e França*. São Paulo: Annablume, 2018.

CORRÊA, Diogo; DIAS, Rodrigo de C. Crítica e os momentos críticos: *De la Justification* e a guinada pragmática na sociologia francesa. *Mana*, v. 22, n. 1, p. 67-99, 2016.

DIAS, Rodrigo de Castro. *O espírito do comunismo: o engajamento revolucionário entre o humanismo e a intransigência*. Rio de Janeiro: UFRJ/ IFCS, 2010.

DOSSE, François. *O império do sentido: a humanização das ciências humanas*. Bauru, SP: Editora UFSCar, 2003.

FREIRE, Jussara. *Mobilizações coletivas e problemas públicos em Nova Iguaçu*. Rio de Janeiro: Garamond, 2016.

GUERRERO, Miguel Ángel. La sociología pragmática y el estudio de lo moral. ¿Hasta dónde somos capaces de inventarnos a nosotros mismos? *Revista Colombiana de Sociología*, v. 34, n. 2, p. 79-87, 2011.

HONNETH, Axel. Dissolutions of the social: On the social theory of Luc Boltanski and Laurent Thévenot. *Constellations*, v. 17, n. 3, p. 376-389, 2010.

LAMONT, Michèle; THÉVENOT, Laurent. *Rethinking comparative cultural sociology: repertoires of evaluation in France and the United States*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2000.

LEMIEUX, Cyril. Para que serve a análise de controvérsias? *Teoria e Cultura*, v. 11, n. 3, 2017.

NACHI, Mohamed. *Introduction à la sociologie pragmatique*. Paris: Armand Colin, 2006.

NARDACCHIONE, Gabriel. El giro pragmático en la sociología. De las sociologías americanas a la perspectiva político-moral de Boltanski. *Revista Española de Sociología*, v. 30, n. 1, p. 16, 2021.

\_\_\_\_\_. El conocimiento científico y el saber práctico en la sociología pragmática francesa. Reflexiones sobre la sociología de la ciencia de Bruno Latour y la sociología política de Luc Boltanski. *Apuntes de investigación del Cecyp*, n. 19, p. 171-182, 2011.

NARDACCHIONE, Gabriel; ACEVEDO, Mariela Hemilse. Las sociologías pragmático-pragmatistas puestas a prueba en América Latina. *Revista Argentina de Sociología*, v. 9, n. 17; v. 10, n. 18, 2013.

MOTA, Fabio Reis. Manda quem pode e obedece quem tem juízo? Uma reflexão antropológica sobre disputas e conflitos nos espaços públicos brasileiro e francês. *Dilemas*, v. 2, n. 4, p. 107-127, 2009.

STARK, David. *The sense of dissonance*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2011.

SUSEN, Simon; TURNER, Bryan S. (Eds.). *The spirit of Luc Boltanski: essays on the "pragmatic sociology of critique"*. London: Anthem Press, 2014.

WERNECK, Alexandre. *A desculpa: as circunstâncias e a moral das relações sociais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

